



IMPACTOS DO TELETRABALHO PARA AS PROFESSORAS DO CURSO DE DIREITO DA UNIFOR DURANTE A PANDEMIA COVID-19

Impacts of home office for law professors in UNIFOR during the Covid-19 pandemic

Impactos del teletrabajo para las profesoras del curso de Derecho de la UNIFOR a lo largo de la pandemia de Covid-19

Tainah Simões Sales

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5007416477494880> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6340-7428>

E-mail: tainahsales@gmail.com

Bianca Mota do Nascimento Brasil Muniz

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0270-0110>

E-mail: brasilbiancamuniz@gmail.com

Ana Carolina Pereira

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

E-mail: carollima9009@gmail.com

Trabalho enviado em 14 de junho de 2022 e aceito em 14 de novembro de 2022



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Rev. Quaestio Iuris., Rio de Janeiro, Vol. 16, N.03, 2023, p. 1533 - 1551

Tainah Simões Sales, Bianca Mota do Nascimento Brasil Muniz e Ana Carolina Pereira

DOI: 10.12957/rqi.2023. 68245

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar os impactos do teletrabalho para mulheres professoras do curso de Direito da UNIFOR. Considerando a hierarquização social de gêneros e os seus reflexos no âmbito do lar, bem como os impactos da pandemia nas relações de trabalho, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: como a produtividade das mulheres professoras de Direito da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) foi impactada no contexto do teletrabalho? A metodologia utilizada é quali-quantitativa, amparada em revisão bibliográfica e nos dados primários de pesquisa empírica realizada com professoras mulheres da Universidade de Fortaleza. Em busca de alcançar os objetivos traçados, a pesquisa foi dividida em três etapas: inicialmente, foram abordados os desafios da docência em tempos de pandemia. Posteriormente, destaca-se a relação entre o teletrabalho, a docência feminina e a desigualdade de gênero na divisão das tarefas domésticas agravada diante do contexto pandêmico. Por fim, são apresentados os resultados do questionário aplicado, bem como a verificação da confirmação da hipótese relacionada ao problema de pesquisa. Concluiu-se que a produtividade das participantes da pesquisa diminuiu em relação ao contexto anterior ao do home office devido à atribuição de mais atividades no ambiente doméstico e à necessidade de conciliação das atividades de cuidado com o trabalho remunerado.

Palavras-chave: Produtividade feminina. Pandemia Covid-19. Home office.

ABSTRACT

This research aims to investigate the impacts of home office for women professor in UNIFOR Law School. Considering the social hierarchy of genders and its reflexes in the home environment, as well as the impacts of the pandemic on labor relations, this research seeks to answer the following question: how the productivity of women law professors at the University of Fortaleza (UNIFOR) was impacted in the context of home office? The methodology used is quali-quantitative, supported by a literature review and by primary data from empirical research carried out with female professors at the University of Fortaleza. In order to achieve the objectives outlined, the research was divided into three stages: initially, the challenges of teaching in times of pandemic were addressed. Subsequently, the relationship between home office, female teaching work and gender inequality in the Division of domestic tasks, aggravated with the pandemic context, is highlighted. Finally, the results of the applied questionnaire are presented, as well as the verification of the confirmation of the hypothesis related to the research problem. It was concluded that the productivity of the research participants decreased in relation to the context prior to the home office due to the assignment of more activities in the home environment and the need to reconcile care activities with paid work.

Keywords: Female productivity. Covid-19 Pandemic. Home office.



RESUMEN

La presente investigación objetiva investigar los impactos del *home office* para mujeres profesoras del curso de Derecho de la UNIFOR. Considerando la jerarquización social de géneros y sus reflejos en el ámbito del hogar, bien como los impactos de la pandemia en las relaciones de trabajo, la presente investigación objetiva contestar al siguiente cuestionamiento: ¿Cómo la productividad de las mujeres profesoras de Derecho de la Universidad de Fortaleza (UNIFOR) fue impactada en el contexto del *home office*? La metodología utilizada es *cuali-cantitativa*, apoyada en la revisión bibliográfica y en los datos primarios de investigación empírica llevada a cabo con profesoras mujeres de la Universidad de Fortaleza. En busca de alcanzar los objetivos trazados, la investigación fue dividida en tres etapas: inicialmente, fueron abordados los retos de la docencia en tiempos de pandemia. Posteriormente, se destaca la relación entre el *home office*, el trabajo docente femenino y la desigualdad de género en la división de las tareas domésticas, agravada delante del contexto pandémico. Por fin, son presentados los resultados del cuestionario aplicado, bien como la verificación de la confirmación de la hipótesis relacionada al problema de la investigación. Conclúyese que la productividad de las participantes de la investigación disminuye en relación al contexto anterior al del *home office* debido a la atribución de más actividades en el ambiente doméstico y a la necesidad de conciliación de las actividades de cuidado con trabajo remunerado.

Palabras clave: Productividad Femenina. Pandemia de Covid-19. Home office.



1 INTRODUÇÃO

Como a produtividade das mulheres professoras de Direito da Universidade de Fortaleza foi impactada pelo teletrabalho durante a Pandemia covid-19? Neste escopo, é preciso analisar a migração do ensino presencial para o ensino remoto, no período pandêmico, e a necessidade de fechamento das Universidades, a fim de contenção do avanço viral. A partir desse cenário, os docentes precisaram conciliar a vida familiar com o ambiente profissional, ao passo que o ambiente destinado ao exercício das duas funções torna-se o mesmo. Assim, essa comunhão de atividades proporciona consequências imediatas, como aumento do cansaço e sensação de constante improdutividade, tendo em vista que a residência do professor pode não ser o local mais adequado para pleno desempenho das atividades profissionais (CABRAL; ALPERSTEDT, 2021).

O teletrabalho, como modalidade de labor, foi implementado, de forma obrigatória, por muitas empresas e pelo Poder Público e, na realidade do docente, encontra desafios próprios, em exemplo falta de contato com os discentes presencialmente e escassez de conhecimento efetivo das dificuldades e angústias estudantis. Além disso, outro ponto necessário a se mencionar é que, além das dificuldades generalizadas provenientes do ensino remoto, as mulheres docentes ainda precisam conviver com as consequências da hierarquização de gênero. Apesar da igualdade de gênero repousar como direito fundamental no art. 5º, I, da Constituição Federal de 1988, os fatos sociais ainda divergem do texto constitucional, a partir da divisão de atividades domésticas pautada em questões de gênero, em que as mulheres encontram-se em desvantagem, visto que precisam dividir-se em, maior proporção, entre o trabalho remunerado e atividades de cuidado com o lar e os filhos.

Nesse aspecto, os objetivos do presente estudo são: destacar a relação entre a docência, pandemia covid-19 e teletrabalho, explorar a relação entre o trabalho docente feminino e hierarquização de gênero no setor privado, assim como demonstrar os resultados obtidos a partir de pesquisa empírica destinada às professoras do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

A metodologia utilizada neste estudo é quali-quantitativa, amparada em revisão bibliográfica, com observação de dados primários a partir de formulário eletrônico disponibilizado, de maneira virtual, às professoras de Direito da Universidade de Fortaleza, com utilização dos resultados de forma pura, e de objetivos descritivos. A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIFOR, sob o número 49397621.8.0000.5052. Os dados foram obtidos a partir de formulário eletrônico destinado às 75 mulheres professoras do Curso de Direito da Universidade de



Fortaleza, enviado via e-mail e Whatsapp. O instrumento de pesquisa possui 9 (nove) perguntas objetivas e obrigatórias e 01 (uma) pergunta subjetiva e facultativa.

A hipótese desta pesquisa é que a maioria das mulheres docentes que responderam ao questionário disponibilizado, consideram que sua produtividade caiu em decorrência da pandemia covid-19 e a necessidade de teletrabalho, a partir da dificuldade em conciliar o trabalho remunerado com as funções domésticas. Em busca de encontrar respostas ao questionamento e concretizar os objetivos elencados, o trabalho é dividido em três etapas: Inicialmente, são abordados os desafios da docência durante a Pandemia covid-19. Em um segundo momento, destaca-se o teletrabalho e a docência para as mulheres, considerando as questões de gênero e o ambiente privado. Por fim, são apresentados os resultados do formulário de pesquisa e a verificação da confirmação da hipótese em questão. A relevância do estudo é demonstrada a partir da ideia de que a Pandemia covid-19 ensejou consequências sociais ainda imensuráveis, porém, constata-se que a desigualdade de gênero foi acentuada pela necessidade de confinamento. Desse modo, encontrar os impactos específicos do isolamento social perante a hierarquização de gênero torna-se urgente, a fim de que as devidas soluções para o impasse sejam descobertas.

2. OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A Pandemia Covid-19 impactou diretamente o setor da educação, a partir da necessidade de implementação do ensino de Educação a Distância (EAD) ou ensino remoto nas escolas e nas Universidades, nos setores públicos e privados. Fato é que os docentes enfrentam dificuldades consonantes à transferência do ambiente de trabalho - as salas de aulas físicas, para o espaço doméstico, permitindo o contato com os estudantes exclusivamente pela tela do computador.

Conforme sustentado por Paludo (2020), muitos professores não foram orientados, adequadamente, sobre os desafios promovidos pela educação a distância, ao passo que muitos não conseguem se adaptar ao novo estilo de salas de aula virtuais. O espaço residencial confunde-se com o ambiente de labor, quebrando a perspectiva entre o privado e o profissional. Assim, torna-se ainda mais usual a utilização dos momentos que deveriam ser destinados ao descanso e ao lazer para a continuidade das atividades de trabalho. Para ministrar aulas *on-line*, o docente precisa adquirir habilidades de inserção no mundo digital, principalmente no que concerne às peculiaridades das plataformas digitais.



Não há, no teletrabalho, a separação entre o docente e o seu espaço de trabalho, como as salas de aulas e o docente, após o dia de trabalho, no lar, desenvolvendo papéis voltados ao ambiente doméstico: cuidados com a casa, com os filhos, com o cônjuge ou até mesmo outras atividades de cunho pessoal se confundem com o tempo reservado ao trabalho remunerado, ainda que em menor ou maior proporção. É preciso mencionar ainda que um espaço reservado às atividades acadêmicas, como um escritório, não é um privilégio de todos os profissionais, dificultando ainda mais a separação de atribuições.

Um exemplo forte dessa realidade é o uso do aplicativo *WhatsApp*, utilizado em contexto anterior ao da Pandemia usualmente como forma de comunicação pessoal, porém, inserido em um cenário de teletrabalho nas escolas e nas Universidades, torna-se instrumento de trabalho utilizado pelos professores para aprimorar o contato com os alunos, demandando, conseqüentemente, maior disponibilidade do docente que, antes, só podia ser contatado nos corredores e nas salas de aulas dos espaços físicos (PALUDO, 2020).

Compreende-se ainda que as tecnologias digitais tornaram-se protagonistas do processo de aprendizagem durante a Pandemia de Covid-19, especialmente, por facilitar o convívio social em uma realidade em que isolamento é sinônimo de proteção. Computadores, *notebooks* e *smartphones* são considerados ferramentas pedagógicas e de acesso facilitado à educação durante a Pandemia, fato que proporcionou ao docente o desafio de adaptar-se às novas tecnologias e às suas funcionalidades.

As plataformas digitais como *Google Meet*, *Google Classroom* e *Zoom* também são úteis em transmitir as aulas remotas, similarmente ao que acontece nas salas de aula físicas, tendo como grande diferença a adequação dos alunos e dos professores à mediação de um dispositivo eletrônico e o contato prejudicado por câmeras e microfones desligados (SANTOS JÚNIOR; MONTEIRO, 2020).

O nível de interação entre professores e alunos, no contexto do teletrabalho, também é um fator que desafia o exercício da docência durante a Pandemia. Através das novas tecnologias e das plataformas digitais, o docente não consegue acompanhar, fielmente, aspectos subjetivos e intimistas do processo de ensino e aprendizagem.

Em salas de aula físicas, expressões de dúvida e confusão dos discentes impulsionam explicações reformuladas pelo mestre ou pelo acompanhamento intensivo do nível da turma, todavia, estas possibilidades restaram prejudicadas durante as aulas remotas. Nesse aspecto, torna-se necessário bastante esforço dos dois sujeitos, professor e aluno, para manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem mesmo a distância.

Dessa forma, o ensino remoto e o EAD possibilitaram o acesso à educação em segurança durante a Pandemia, visto que o convívio acadêmico presencial foi restringido a fim de minimizar os impactos da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. Porém, são inegáveis os impactos dessas modalidades de ensino no cotidiano dos professores, em especial das mulheres professoras. Assim, a fim de tornar o estudo assertivo, torna-se primordial a análise acerca do papel feminino norteador pelo teletrabalho e a docência, considerando-se as inúmeras variáveis que norteiam gênero, trabalho e produtividade.

3. TELETRABALHO E O TRABALHO DOCENTE FEMININO: A PRODUTIVIDADE DA MULHER DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

Pierre Bourdieu (1999, p. 18) aponta que “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la”. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. A máquina simbólica citada acima é observada também na socialização distinta e imposta aos gêneros no âmbito do lar, que implica em uma interferência direta na definição dos papéis estabelecidos entre homens e mulheres quanto à divisão das tarefas domésticas, mesmo considerando mulheres que também exercem trabalho remunerado.

Na obra *O Segundo Sexo*, uma das maiores percussoras do feminismo, Simone de Beauvoir (2009, p. 119), analisa os elementos que explicam as bases fundantes que mantêm o triunfo do patriarcalismo, como o ato de relegar às mulheres atividades ligadas à filiação e aos cuidados do lar, tornando-a uma serva da estrutura familiar, comandada pelo homem. Segundo a autora:

Não há, nos tempos primitivos, revolução ideológica mais importante do que a que substitui pela agnação a filiação uterina; a partir de então a mãe é relegada à função de ama, de serva e a soberania do pai é exaltada: ele é quem detém os direitos e os transmite.

É importante observar que é imposto à mulher um dilema no qual ela é obrigada a ter de equilibrar seu papel de reprodutora (uma premissa imperativa de sustentação de um sistema patriarcal) e de produtora, numa perspectiva de trabalhadora formalmente remunerada. Assim, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho, a servidão doméstica ainda é destinada como um “dever natural” das mulheres. Conforme ensina Simone de Beauvoir (2009, p. 117):



Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos, diz Fraser. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade é sempre estabelecido por eles. Em nenhuma época ele impôs sua própria lei.

Confirmando o exposto acima, de acordo com dados do ano de 2018, coletados e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), as mulheres, ainda que inseridas no mercado de trabalho, continuam responsáveis pelos afazeres domésticos. Ou seja, embora muitas vezes ocupem a posição de provedoras econômicas da casa junto a seus parceiros, seguem subordinadas à manutenção da casa e ao cuidado familiar. A pesquisa constatou que as mulheres trabalhadoras remuneradas no Brasil dedicam 73% mais horas do que os homens em afazeres domésticos. Dessa forma, verifica-se que “mesmo que essa vulnerabilidade econômica fosse removida, pela garantia de uma renda anual a todos, ainda haveria a injustiça de que é apresentada às mulheres uma escolha entre família e carreira, que os homens não enfrentam” (KYMLICKA, 2006, p. 319).

Verifica-se que, mesmo quando ocorre a emancipação feminina, seja pelo trabalho ou mesmo pela política, lhes é imposto um dilema, em que se coloca como barreira impositiva uma “moldura” desenhada pelo patriarcalismo: a hierarquização social de gêneros confere ao homem o papel de provedor, que cuida das finanças, do trabalho e da liderança moral da família. A mulher é a cuidadora, responsável pela reprodução e educação dos filhos e pela administração da casa, ainda que também exerça trabalho externo (PERROT, 2005).

Somado a isso, o fator do tempo torna-se uma das bases do conflito família-trabalho, a partir da ideia de que a dedicação integral a um domínio, consequentemente, transfere demandas não cumpridas ao outro (EDWARDS; ROTHBOARD, 2000). Conforme pesquisa realizada por Borsoi e Pereira (2011), utilizando-se como espectro de análise os 56 professores homens e as 40 professoras mulheres da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na qual 92, 5% das docentes mulheres responderam que trabalham parte do tempo na Universidade e no ambiente doméstico, contra 66,1% dos docentes homens. Demonstra-se, assim, com esse estudo, que a necessidade de dedicação exemplar às duas esferas - da família e do trabalho remunerado - são exigências de maior peso ao gênero feminino. Embora as duas atividades sejam proporcionalmente exaustivas, considera-se plausível exigir que as mulheres cumpram jornadas de trabalho maiores.

A realidade é que, assim como em outros ramos de trabalho, a docência exercida na Pandemia pelo gênero feminino e masculino delimita cenários diferentes quanto ao que se faz e o que se produz em certo período de tempo, por exemplo, durante o expediente de trabalho remunerado. Se, antes do período pandêmico, o ato de levar trabalho da Universidade para casa deveria ser considerado exceção, com o teletrabalho, resta improvável delimitar horários rígidos de segregação do trabalho remunerado perante ocupações pessoais do docente.

Nesse aspecto, as professoras mulheres tornam-se prejudicadas quando tendem a levar atividades profissionais para o espaço doméstico, ao passo que o tempo necessário ao desenvolvimento de cuidados com o lar, socialmente e culturalmente impostos em maior parte ao sexo feminino, precisa ser dividido às incumbências laborais, impulsionando maior desgaste, adoecimento e grande cansaço físico e mental às mulheres (BORSOI; PEREIRA, 2011).

Para as mulheres, o trabalho em casa exige que elas dividam o tempo do expediente do trabalho remunerado com demandas supervenientes advindas das relações familiares, por exemplo, pela transferência do ensino presencial para o remoto de crianças, exigindo maior dedicação de tempo às demandas dos filhos em idade escolar, que antes seriam divididas com os próprios educadores pela ida da criança, presencialmente, às Instituições de Ensino.

Compreende-se que, a partir da evolução do pensamento social acerca do papel desenvolvido pelo gênero feminino, os homens assumem algumas tarefas dentro do ambiente do lar, porém os índices de trabalho doméstico realizado por eles ainda se resumem, em grande parte, a auxílios periféricos comparados às atividades executadas pelas mulheres. Além disso, quando as tarefas domésticas são divididas entre homens e mulheres, nem sempre a divisão é realizada de forma igualitária, proporcionando que a mulher constitua ainda o protagonismo na execução e o planejamento destas (BRUSCHINI; RICOLDI, 2012).

Assim, mesmo que os encargos profissionais atribuídos aos professores homens e professoras mulheres sejam similares, elas possuem jornadas maiores e mais exaustivas do que eles, e com o cenário de trabalho em casa, ainda tendem a cair os índices de produtividade no trabalho remunerado. Execução e planejamento de tarefas domésticas, quantidade e idade dos filhos constituem-se como decisivos na ideia de maior ou menor produção em determinado espaço de tempo dedicado às atividades profissionais, visto que se há maior necessidade de dedicação ao ambiente doméstico, com crianças e encargos de atividades de cuidado com a casa,

As mulheres historicamente precisam conciliar jornadas de trabalho duplas ou triplas. Por conseguinte, acumulam as funções de mãe, dona de casa e profissional. Aliado a essa realidade, sabe-se que a Pandemia de Covid-19 estimulou a desigualdade de gênero no aspecto de requerer à mulher a entrega dos mesmos índices de produtividade conquistados antes do isolamento social (OLIVEIRA, 2020).

Em pesquisa realizada pelo blog eletrônico *Inside Higher Education* (FLAHERTY, 2020), constatou-se que mulheres, durante a Pandemia, estão como minoria na submissão de artigos científicos para revistas, considerando as circunstâncias não equânimes de atividades exercidas entre os gêneros, em que as mulheres necessitam dedicar-se mais tempo ao serviço doméstico, enquanto os pesquisadores homens continuam com tempo e dedicação similares para escrever e produzir academicamente.

De acordo com o levantamento realizado pelo Movimento *Parent in Science* (2020), que estuda produtividade acadêmica brasileira na Pandemia, 8% das docentes mulheres estão conseguindo trabalhar remotamente, enquanto 18,3% dos docentes homens afirmaram que conseguem exercer atividades profissionais no ambiente doméstico. A partir do espectro de gênero e parentalidade, 4,1% das mulheres com filhos conseguem trabalhar em casa, contra 18,4% das mulheres sem filhos. Já os homens com filhos, surpreendentemente, apresentaram índice de 14,9%, valor quase três vezes maior do que mulheres com filhos. Já no que tange aos docentes que conseguiram cumprir todos os prazos durante a Pandemia, tem-se que 66,6% das mulheres com filhos conseguiram atingir pontualidade nos prazos, em detrimento de 77,1% dos homens com filhos. Ainda conforme os dados divulgados pelo estudo, é importante ressaltar que 43,9% das docentes mulheres com filhos se beneficiaram pela prorrogação dos prazos, contra 37,3% das mulheres sem filhos, bem como de 32,9% dos homens com filhos e 27,5% dos homens sem filhos.

As mulheres, a partir das dificuldades provenientes da docência durante a pandemia, ainda precisam executar as tarefas domésticas e apresentar os mesmos resultados e em similar quantidade de tempo em que se dedicavam antes do cenário pandêmico. Destarte, procura-se entender se a produtividade feminina está sendo afetada a partir do deslocamento do trabalho remunerado para o ambiente doméstico e familiar e quais os principais fatores aparentes para uma possível queda de produtividade. Para tanto, é analisado o espectro do trabalho docente feminino, no que tange às variáveis de cuidado com filhos em idade escolar, aos serviços domésticos e à produtividade no trabalho remunerado inerente à atividade da docência, como cumprimento de prazos, produção de materiais e administração do conteúdo nas aulas.

4. RESULTADOS DA PESQUISA COM MULHERES PROFESSORAS DO CURSO DE DIREITO DA UNIFOR

Nesse contexto, foi realizada pesquisa destinada às 75 professoras de Direito do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Estas aceitaram, de forma livre e não obrigatória, participar do presente estudo, com a finalidade de entender, empiricamente, qual a margem dos impactos do teletrabalho na produtividade deste grupo de mulheres. Abaixo, demonstram-se os resultados:

Tabela 1 - Pergunta: Você aceita de forma livre e não obrigatória participar da presente pesquisa, estando ciente que seus dados pessoais e identidade não serão divulgados, após a devida leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e possui idade superior a 18 (dezoito) anos de idade

Sim	Não
100%	0%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Tabela 2 - Pergunta: Você é mulher e professora do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade de Fortaleza?

Sim	Não
100%	0%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

A posteriori, considerando a colocação social de que a mulher é a grande responsável pelo provimento da família no ambiente privado e, inclusive, na criação de seus filhos, pergunta-se às participantes se elas possuem filhos em idade escolar e/ou recém-nascidos, por considerar-se que estes necessitam de mais atenção e cuidados de que os filhos adultos, por exemplo.

Tabela 3 - Você possui filho(a)s em idade escolar e/ou recém-nascidos?

Sim	Não
69,6%	30,4%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Em seguida, questiona-se às participantes acerca de seus papéis no ambiente doméstico e as consequências observadas perante a realização das tarefas do lar e o período de trabalho remunerado durante o teletrabalho.

Tabela 4 - Se você respondeu "Sim" para a última pergunta, qual a faixa etária dos seus filho(a)s?

De 01 a 05 anos	De 06 a 10 anos	De 11 a 14 anos	De 15 a 18 anos	Mais de 18 anos	Abaixo de 01 ano	Não possui filhos
30,4%	26,1%	8,7%	0	13%	0	21,7%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Tabela 5 – Pergunta: Você, durante o cotidiano, precisa dividir-se entre tarefas domésticas e trabalho remunerado?

Sim, sou responsável pela maior parte das tarefas domésticas e/ou o planejamento destas.	Sim, mas divido igualmente as tarefas e/ou o planejamento destas com o(a) companheiro(a) cônjuge, avós, tios, outros.	Sim, mas a maior parte das tarefas domésticas e/ou o planejamento destas fica a cargo do(a) companheiro(a).	Não sou responsável pelas tarefas domésticas e/ou planejamento destas.
65,2%	30,4%	4,3%	0%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Após, foi questionado se o teletrabalho, oriundo das necessidades geradas diante da pandemia, proporcionou mais impactos negativos que positivos na produtividade de cada mulher que participou da pesquisa, durante o expediente do trabalho remunerado:

Tabela 6 - Você considera que o teletrabalho teve mais impactos negativos do que positivos na sua produtividade durante o expediente do trabalho remunerado?

Sim.	Não.	Em parte.
39,1%	21,7%	39,1%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Também foi realizada uma pergunta facultativa para que as participantes respondessem justificativas para a pergunta a respeito dos impactos negativos impostos sobre a produtividade no expediente de trabalho remunerado. Apresentam-se, a seguir, as respostas coletadas e, por conseguinte, nomeou-se as participantes como letras, a fim de preservar-se a privacidade:

Tabela 7 - Referente às respostas para a pergunta subjetiva e facultativa:

Participante A	"Em casa, muitas vezes as atribuições se confundem com o expediente de trabalho e acabam atrapalhando a concentração"	Participante B	"Ocorreu uma simbiose entre o trabalho, antes externo, e as demandas domésticas que passaram a ocorrer simultaneamente"
Participante C	"Quase não há tempo para desenvolver atividades de natureza acadêmica, pois há aumento de demandas domésticas e falta de horários fixos para trabalhar. Trabalha-se mais e produz-se menos"	Participante D	"O trabalho em casa é muitas vezes interrompido. Isso é muito contraproducente. Para produzir tive que criar regras mais rígidas. Especialmente nas horas das aulas, as crianças não poderiam entrar no escritório. Acredito que ter esse espaço na casa, no qual seja possível o isolamento não é um privilégio da maioria"
Participante E	"Por um lado o home office me permitiu estar mais próxima da família, por outro lado, a presença das crianças demanda atenção, gerando queda no nível de produtividade"	Participante F	"O impacto negativo refere-se à dificuldade da separação entre o trabalho e o contexto privado da casa"
Participante G	"Ficar em constante alerta e à disposição para solução de algum problema doméstico atrapalha a concentração e o foco no trabalho."	Participante H	"Por várias vezes não consegui realizar as demandas do trabalho ou as tarefas domésticas; foi muito difícil conciliar"
Participante I	"Porque no ambiente doméstico os dois papéis se misturam, de forma que há muita interrupção de ambas as atividades. Muitas vezes, a rotina doméstica lhe chama no meio do expediente, o que não aconteceria se você não estivesse presencialmente em casa. Também é importante destacar que em casa não dispomos dos mesmos recursos e colaboração que dispomos no escritório ou ambiente profissional (...)"	Participante J	"Não é possível estabelecer uma delimitação para o tempo de trabalho e o tempo dedicado para outras tarefas, as funções de mãe, dona de casa, esposa e professora se confundem no dia-a-dia. Nesse sentido, faz-se de tudo um pouco, mas sem de fato dedicar-se exclusivamente a algo, o que compromete a qualidade das atividades exercidas por cada um dos papéis acima citados"

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Ademais, foi questionado se a divisão de tarefas domésticas ou de cuidado com os filhos produz impactos sobre a produtividade da mulher durante o expediente do trabalho remunerado:

Tabela 8 - Você considera que a divisão de tarefas domésticas/do(a)s filho(a)s auxilia na manutenção da produtividade durante o expediente do trabalho remunerado?

Sim.	Não.	Em parte.
65,2%	21,7%	13%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Nas tabelas 9 e 10, têm-se os resultados de um questionamento comparativo. Cada participante deveria atribuir uma nota para a sua produtividade no expediente do trabalho remunerado, considerando o período de teletrabalho em virtude da pandemia e o período anterior. Vale mencionar que essa validação pessoal de cada professora leva em consideração a sua capacidade de lidar com as atividades próprias da docência, como o cumprimento de prazos, por exemplo:

Tabela 9 - Se você pudesse atribuir uma nota para a sua produtividade no expediente do trabalho remunerado durante o teletrabalho, qual seria a margem?

De 0 a 04	De 05 a 07	De 08 a 09	10
4,3%	60,9%	26,1%	8,7%

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Em seguida, questiona-se à participante quanto a esse critério em um contexto anterior ao teletrabalho, visto que, em regra, a docente possuía delimitação de espaços para execução das atividades domésticas e remuneradas:

Tabela 10 - Se você pudesse atribuir uma nota para a sua produtividade no expediente do trabalho remunerado no contexto anterior ao da pandemia, qual seria a margem?

De 0 a 04	De 05 a 07	De 08 a 09	10
0%	13%	69,6%	17,4

Fonte: Elaboração própria com base nas respostas do formulário eletrônico aprovado pelo CEP/CONEP da UNIFOR.

Desse modo, 65,2% (sessenta e cinco vírgula dois por cento) das mulheres professoras de Direito da UNIFOR que responderam ao formulário são responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas e/ou pelo planejamento delas, 39,1% (trinta e nove vírgula um por cento) afirmam que, em parte, há mais consequências negativas do que positivas e 21,7% (vinte e um vírgula sete por cento) acreditam que não há mais impactos negativos do que positivos. Por sua vez, 65,2% (sessenta e cinco vírgula dois por cento) das participantes da pesquisa consideram que a divisão de tarefas domésticas e os cuidados com os filhos auxiliam na manutenção da produtividade no expediente do trabalho remunerado.

Ademais, apenas 8,7% (oito vírgula sete por cento) das professoras responderam que consideram a sua margem de produtividade durante o teletrabalho como nota 10 (dez) e 60,9% (sessenta vírgula nove por cento) das docentes que consideram que a margem de sua produtividade, nesse contexto, é de 05 (cinco) a 07 (sete).

No que tange ao índice de produtividade no contexto anterior ao de pandemia, 69,6% (sessenta e nove vírgula seis por cento) afirmam que a margem seria entre 08 (oito) e 09 (nove) e 13% que dizem ser entre 05 (cinco) e 07 (sete). Destarte, é evidente que, de acordo com os resultados obtidos na pesquisa, as professoras mulheres consideraram que sua produtividade diminuiu com a Pandemia.

Observa-se que a maioria das docentes que responderam à pesquisa (65,2%) é responsável pela maior parte das atividades domésticas e pelo protagonismo no cuidado com os filhos, fato que pode elucidar a necessidade de que as mulheres, mesmo sobrecarregadas, constituam ainda uma rotina de entrega de altos índices de produtividade em meio à Pandemia.

Somado a isso, o auxílio da rede de apoio, durante o trabalho em casa, torna-se essencial para a manutenção da produtividade, considerando o índice de 65,2% de docentes que responderam “sim” à pergunta. O fato é que a ausência de igualdade de gênero se reflete, assim como em outros cenários, na inserção do ambiente de trabalho no âmbito do lar.

Socialmente, mulheres tendem a trabalhar mais em casa, terem grandes responsabilidades, não apenas acessórias, no trato com os filhos e ainda realizarem todo o planejamento doméstico, construindo amplas e exaustivas jornadas de trabalho. A Pandemia exigiu que estas mulheres realizem malabarismos ocupacionais para se encaixarem na rotina de mãe, dona de casa e profissional em tempo integral.

Mesmo com o dever de conciliar todos os papéis ao mesmo tempo, no mesmo ambiente, ainda se exigem altos índices de produtividade para as profissionais. Entretanto, muitas compartilham situações parecidas, que se traduzem no “poder-dever” de fazer tudo e, por outro lado, na sensação de pouco se produzir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produtividade das mulheres professoras do Curso de Direito da UNIFOR diminuiu em relação ao contexto anterior ao da Pandemia, haja vista que 60,9% das participantes afirmam que a nota para a margem de produtividade, no teletrabalho, é de 05 (cinco) a 07 (sete), enquanto 69,6% das docentes responderam que este índice seria entre 08 (oito) e 09 (nove) no contexto anterior ao da Pandemia.

Além disso, 69,6% das participantes têm filhos em idade escolar e 65,2% exercem a maior parte das tarefas domésticas, destacando-se, no referido estudo, como os principais fatores que incidem na diminuição da produtividade no período do expediente de trabalho remunerado. Entende-se que a vivência feminina de conciliação entre trabalho fora de casa e tarefas de cuidado não teve início com a Pandemia, porém, acentuou-se com o isolamento e o teletrabalho.

Não contar com auxílio da rede de apoio por questões sanitárias impactou fortemente o cotidiano das profissionais. Ademais, a não delimitação do espaço físico de trabalho e da residência (local que deveria se destinar à família, ao descanso e ao lazer), proporciona ausência de horários rígidos para execução das tarefas, o que leva ao sentimento de produzir menos, porém com alta carga de trabalho.

É possível afirmar que a Pandemia decorrente do novo coronavírus não apenas gerou uma nova crise social, mas aprofundou crises que já existiam na sociedade brasileira. Muitos problemas estavam, especialmente para as classes médias e altas, administrados de forma a velar as dificuldades da maior parte de pessoas pertencentes a grupos vulneráveis, como as mulheres.



A crise sanitária atual operou um desvelamento das desigualdades sociais e, de modo específico, da desigualdade de gênero, conforme demonstrado nesta pesquisa. Longe de representar a totalidade das situações envolvendo o trabalho das mulheres em teletrabalho, destaca-se a relevância nos resultados apresentados, uma vez que demonstra uma realidade muitas vezes invisível socialmente e desafiadora ao gênero feminino no contexto pandêmico.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 21, p. 119-145, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/temporalis/article/view/1380>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helene Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; RICOLDI, Arlene Martinez. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 259-287, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2012000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 abr. 2021.

CABRAL, Gabriela Ostrovski; ALPERSTEDT, Graziela Dias. É hora de ir para casa: reflexões sobre o ir e vir sem sair do lugar. **Revista Gestão Organizacional**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 231-247, 2021.

EDWARDS, Jeffrey R.; ROTHBARD, Nancy P. Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. **The Academy of Management Review**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 178-199, 2000.

FLAHERTY, Collen. **No room of one's own**: early journal submission data suggest COVID-19 is tanking women's research productivity. Washington, DC: Inside Higher ED, 2021. Disponível em: <https://www.insidehighered.com/news/2020/04/21/early-journal-submission-data-suggest-covid-19-tanking-womens-research-productivity>. Acesso em: 13 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo agro 2017, 2018. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: [https://censos.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html#:~:text=Em%202016%2C%20desagregando%2Dse%20a,10%2C5%20horas%20semanais\).](https://censos.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html#:~:text=Em%202016%2C%20desagregando%2Dse%20a,10%2C5%20horas%20semanais).) Acesso em: 15 jan. 2022.



KYMLICKA, Will. **Filosofia política contemporânea, uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEMONS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a Pandemia da covid-19: as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 388-399, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a Pandemia**: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Rio Grande do Sul: Parent in Science, 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true. Acesso em: 13 jan. 2022.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A especialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na Pandemia de covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, RJ, ano 16, n. 1, p. 154-166, maio 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PALUDO, Elias Festa. Os desafios da docência em tempos de pandemia. **Revista em tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, jul/dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2020v17n2p44/44232>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

RODRIGUES, Natália Queiroz Cabral. Trabalho feminino em tempos de pandemia. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região**, v. 24, n. 1, p. 38-51, 2020. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/view/394>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Veríssimo Barros dos; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Educação e covid-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Sobre as autoras:**Tainah Simões Sales**

Doutora em Direito pela Universidade Federal do Ceará c/ Doutorado Sanduíche na Universidade de Aix-Marseille, França. Professora do curso de Direito da Universidade de Fortaleza, Ceará

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5007416477494880> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6340-7428>

E-mail: tainahsales@gmail.com

Bianca Mota do Nascimento Brasil Muniz

Graduanda em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pesquisadora bolsista PROBIC/FEQ pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) nas áreas de Direito e Ciência Política.

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0270-0110>

E-mail: brasilbiancamuniz@gmail.com

Ana Carolina Pereira

Graduanda em Direito (Universidade de Fortaleza)

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

E-mail: carollima9009@gmail.com

As autoras contribuíram igualmente para a redação do artigo.